

# CLÁSICOS DESTACADOS. REVISIONES PSICOANALÍTICAS. INDEPSI -ALSF.

## PSIQUE: Sobre a história de desenvolvimento da alma. (1 PARTE.)

Carl Gustav Carus<sup>(\*)</sup>



### Índice.

#### 1.- DA VIDA INCONSCIENTE DA ALMA

- 1.1 Sobre a essência dos primeiros processos de formação do organismo humano
- 1.2 Consideração da primeira instauração da estrutura do organismo, em sistemas diversos, através da ação zelosa inconsciente da ideia
- 1.3 Acerca do caráter essencialmente inconsciente do processo, através do qual, em meio à espécie, ocorra a multiplicação dos indivíduos
- 1.4 Acerca daquilo que, mesmo em uma alma tornada autoconsciente, ainda pertença ao reino da inconsciência
- 1.5 Acerca dos estados doentios que possam acometer à vida anímica inconsciente

#### 1.- DA VIDA INCONSCIENTE DA ALMA.

Trata-se de uma sensação bem-particular que possuímos, ao tornamo-nos nítido em nosso pensamento autoconsciente, a peculiaridade, normatividade e beleza elevadas, que ocorram em nós e nas demais coisas vivas, muito antes de qualquer raciocinar, mediante às quais, conduzam-se o tornar-se real e a manutenção de nossa formação. Quanto mais adentrarmos aqui, a essas profundezas dos processos de formação, tanto mais aumentará nossa reverência ante essa ação zelosa! Quem já acompanhara o passo-a-passo das cristalizações das partes primordiais, que ocorrem com uma constância inalterável, em um único organismo; quem já vira, como surgisse, através de infinitas repetições da única forma-primordial do primeiro folículo microscópico, uma formação celular peculiar, a qual, por toda parte, tornar-se-á o fundamento, a partir do qual, por conseguinte, constituam-se vasos-sanguíneos, nervos, músculos, ossos, de acordo a certas irradiações e metamorfoses bem-definidas; a este tornar-se-á gradativamente compreensível, a sabedoria, poder e beleza – todavia, ainda desprovida de qualquer autoconsciência – mediante à qual um divino a individualizar-se, possa autorrevelar-se. Em decorrência, portanto, não é possível evitar-que se imponha seguinte questão: “a atividade livre da alma autoconsciente é capaz de ascender a um patamar equiparável ao daquela beleza, riqueza da plenitude interior, através do qual esse agir zeloso inconsciente do princípio anímico, dia-a-dia e hora-em-hora, desdobre-se face aos nossos olhos?”[15]<sup>1</sup> – Tudo aquilo que fora dito acerca da relação e da contraposição entre natureza e arte (Kunst), pode ser concatenado a isso; e sempre convencer-nos-emos de que a plenitude interior e a praticidade suprema destas formações, que este inconsciente seja capaz de gerar, encontrem-se infinitamente a frente de tudo e de cada coisa que o espírito consciente jamais possa produzir analogamente. Sim, ao tornarmo-nos cristalino que tudo àquilo que chamemos de ciência da alma consciente, somente resume-se a um ir atrás, a uma procura pelas condições e leis, que continuamente ajam através da ação zelosa inconsciente, no diversamente vivo, em torno e dentro de nós, desde os astros do universo, até às células sanguíneas; então sobrevém-nos uma circularidade própria do mundo das ideias, que se desenvolve desde a inconsciência, à consciência; e, enquanto tal, amiúde, procurará prioritariamente, o inconsciente e somente dar-se-á por satisfeita, mediante o melhor entendimento possível deste.

Também naquilo que diga respeito ao próprio ser humano, damo-nos conta, nessas considerações, de algumas relações surpreendentes: ao convencer-mos, nomeadamente, de que a formação deste nosso organismo, abstraindo totalmente de sua vida consciente, que posteriormente desdobrar-se-á a partir e de dentro dela, apresente uma plenitude, diversidade e funcionalidade interior, que não possua equivalente em outro organismo deste tipo; então isso, de modo geral, encher-nos-á de uma reverência particular, em relação ao ser humano, de modo geral, ainda totalmente independente daquilo que o ser humano, enquanto indivíduo consciente, ainda possa vir a ser, de modo especial. Portanto, mesmo naquele indivíduo, por mais precariamente que tenha se desenvolvido enquanto espírito consciente; sim, até mesmo, que perdera totalmente sua dignidade, como alguém autoconsciente, reconheceremos, não somenos, por conseguinte, uma sabedoria, funcionalidade, inclusive, certa beleza da vida-interior, que tanto mais encher-nos-á de admiração quanto mais, nós mesmos, avançarmos no conhecimento destas manifestações.

A partir desta reverência, mesmo que ainda não transcenda inteiramente ao reconhecimento, que permeie e necessite perpassar o ser humano, de encontro a este inconsciente, explicam-se muitas coisas acerca das representações da humanidade, mesmo, às épocas mais-remotas: por exemplo, o próprio respeito típico à natureza da criança, ainda antes que ela desenvolva uma vida autoconsciente mais-elevada; o temor face ao assassinio de um ser humano; inclusive, no caso do hindu, o tabu à destruição de qualquer vida-animal; e, entre tantos povos, até mesmo, a adoração à própria forma humana; e, em alguns casos, a algumas formas-animais, enquanto algo divino. Evidentemente, quanto mais incipiente ainda fosse o reconhecimento, tanto mais fizessem-se notar mal-entendidos nestas representações, à medida que ali, muitas vezes, apenas fosse tomado por divino – um único raio deste Deus absoluto por nós somente intuído –, fora esse, a divindade propriamente dita; e, justamente neste contexto, escancara-se, de modo geral, a fonte do equívoco, de fato, do panteísmo. Este panteísmo, quer dizer, a opinião de que muitas coisas avulsas já pudessem ser uma divindade absoluta, está em antítese completa àquilo que talvez, mais-adequada e -justificadamente, dever-se-ia designar de enteísmo; isto é, o reconhecimento do divino em tudo; e, tão evidente que devesse ser assim, que este enteísmo, verdadeira- e unicamente, caracterizaria uma concepção saudável do mundo, também seria certo, que um panteísmo total, com efeito, tal qual o ateísmo real, seja absurdo demais, a ponto de jamais poder satisfizer, no sentido pleno da palavra, até mesmo, uma inteligência humana minimamente desenvolvida.

A propósito, mesmo nossa teologia hodierna, bem como, uma mui disseminada espécie de fisiologia, ao ensinar coisas deste tipo, ainda move-se em um círculo estranho: reconhece-se o primor e a sabedoria do divino nas formações da natureza, bem como, na organização do ser humano, e, inclusive, recomenda-se a intensificação do reconhecimento do divino, de modo geral; e, a despeito disso, distingue-se, foram duas coisas inteiramente antitéticas, entre esta ação zelosa inconsciente de um divino em vias de individualização e o divino consciente, registrado na alma humana desenvolvida. Este inconsciente inicial, por sua vez, é tratado, em contraposição à alma, por exemplo, como elã-vital; e este último, por conseguinte, às vezes, aparece degradado a um mero mecanismo; e em outras, é concebido como algo especialmente demoníaco, de modo que, no limite, não faltasse muito, para torná-lo uma revelação do mal – fora um princípio satânico – francamente contraposto ao psiquismo consciente, considerado a revelação do bem e do princípio divino autêntico; ainda que não possa desmentir-se, a perfeição divina verdadeiramente interior, de todas as produções desta ação zelosa inconsciente primeva. Estas são aberrações que aqui somente apontar-se-ão em passant, mas que, verdadeiramente, ainda mais, distam da verdade quanto propriamente àquelas, do assim chamado, panteísmo.

Como, todavia, já dito na introdução, que seja difícil captar a vero, na região da vida anímica consciente, o conceito do sofrimento e ação inconsciente da alma; mas que, ainda assim, por outro lado, somente justamente aqui, possa encontrar-se a chave para uma verdadeira psicologia. Por isso, tentemos inicialmente incentivar-nos, prestando atenção ao quanto muitas coisas, também dentro da condição consciente de nossa alma, não obstante, sejam dinamizadas e plenificadas, somente enquanto um inconsciente: assim, por exemplo, não pode restar qualquer dúvida, de que os músculos, que servem ao movimento da inspiração, obedeçam ao arbítrio de nossa vida anímica consciente, pelo efeito da vida-neuronal, que sobre estes se

dissemine. Podemos inibir estes movimentos por certo tempo; podemos também, intencionalmente, acelerar, interromper, aumentar ou diminuí-los; e, dessarte percebemos a sua dependência plena de nossa alma autoconsciente. Nem por isso, estes movimentos ocorrem, via-de-regra e continuamente, ao longo de toda nossa vida, em sua maior medida, de modo inteiramente inconsciente, o que nos torna inteligível, que entre consciência e inconsciência haja uma fronteira mui maleável; e que, tanto o consciente quanto o inconsciente, sejam irradiações de uma e da mesma unidade. Ainda mais, isso talvez chame a atenção, em relação a todos os movimentos que sirvam à alguma destreza artística: neste caso, totalmente sujeitos à região da consciência, e executados inteiramente pelos músculos comandado pelo arbítrio, aquilo que chamamos de “aprendizado”, “treino”, nada mais seja do que um empenho por reconduzir à região da inconsciência, algo que pertença à consciência. Imaginemos, por exemplo, um pianista: cada uma das posições ou acelerações dos dedilhados, é originalmente arbitrária e necessita inicialmente ser evocada intencionalmente, por uma corrente neuronal individualmente desejada, nos músculos apropriados. Quanto mais repetidamente estes movimentos sejam evocados, e reiteradamente repetidos, tanto mais eles passam, gradativamente, mediante toda sua complexidade especial, inteiramente ao reino da inconsciência; e, destarte, subtraídos à consciência, de modo que, cada qual, já não careça mais ser pensado individualmente; mas que, a mera imaginação da execução de certas sequências de tonalidades, de modo geral, já seja suficiente para suscité-lo de maneira totalmente inconsciente, em sua totalidade, e em cada uma das sequências temporais desejadas, com tanta segurança quanto os movimentos respiratórios sucedam, sem que neles precisemos pensar. O caso é o mesmo ao do aprendizado da locomoção espacial mais-essencial, o andar, bem como, em relação a centenas de outros movimentos; disso tudo resulta, portanto, nitidamente, que, tanto em relação à habilidade quanto ao saber, a incursão à banda de lá, do consciente, ao inconsciente, verdadeiramente, integre o ápice da plenitude humana.

Por último, ainda há uma observação que mereça a observação total do psicólogo e que, até hoje, não fora perscrutada suficientemente, embora, mui definidamente, E. Stahl[16]<sup>2</sup> já chamasse a atenção a vários aspectos desse tipo: de fato, certamente, é bem-curioso que ao agir, à habilidade, à arte do ser humano estejam pré-traçados, neste contexto, trilhas bem semelhantes às do reconhecimento, do saber, da ciência. Assim como caracterize um patamar tanto mais elevado da ciência quanto mais profundamente o reconhecimento consciente do ser humano penetre na percepção das ideias e leis, que atuam inconscientemente em nosso próprio organismo e na manifestação do mundo em nosso entorno; como também, justamente por isso, a tarefa mais elevada do ensino sobre a alma seja o de adentrar àquelas regiões, onde a vida anímica ainda se demonstre atuante sem qualquer consciência; destarte também, uma capacidade qualquer, somente tornar-se-á realmente arte, à medida que toda a ação, porquanto devesse servir a determinado propósito da vontade, amiúde, em si e para si, seja executada inconscientemente; e, justamente em função disso, favoreça a mais-excelsa leveza de qualquer produção, quando à esta recém novamente tornar-se supérfluo, que à alma precise refletir, especial- e intencionalmente, à realização de qualquer ação que lhe seja determinada; de modo que, a partir de então, a alma, quando tenha vontade de exercê-la, tão-somente requeira deixar pairar na imaginação seu propósito, pura- e vivamente, para desencadear, fresca- e levemente, a habilidade técnica para alcançá-lo.

Voltando-nos, ademais, novamente, àquilo que denominamos, em relação à vida anímica consciente, de saber, de reconhecer, então ora entendemos também, à medida que prestarmos atenção à sua origem na inconsciência, porque já Platão apresentara todo aprender a reconhecer como um relembrar-se, um “reencontrar no interior”[17]<sup>3</sup>; portanto, encontrar lá, onde até então não houvesse qualquer saber; e, não obstante, onde essa verdade, esse pensamento, ainda assim, estivesse presente, como ocorrera com o embrião inconsciente, à mãe consciente; processo esse, justamente em vista do qual, Sócrates, tantas vezes, preferira que o desenvolvimento do pensamento fosse encarado como um ato típico de um auxílio-ao-parto. Tudo isso, por conseguinte, indica definitivamente à riqueza deste mundo peculiar que carregamos conosco, na escuridão de nosso interior; e, qualquer reflexão deste tipo, imediatamente, servirá para formarmos uma ideia mais-acurada acerca desta relação fascinante entre consciente e inconsciente. Uma luz ainda mais intensa, aliás, poderá ser projetada sobre este assunto, quiséramos refletir sobre o gradativo surgimento de determinadas orientações especiais inatas na alma consciente. Aqui mostra-se, ao mesmo tempo, o quanto

precisemos remontar à história da ideia de nossa existência – e, destarte também, ao reino da existência inconsciente – queiramos encontrar os primeiros fundamentos da singularidade desta existência. Neste tocante, lembro inicialmente quantos traços bem-peculiares, também da vida anímica consciente, possam ser herdados dos pais, pelos filhos; em como algumas direções específicas do espírito, diversas inclinações especiais, várias pré-disposições artísticas, desse modo, tornem-se talentos das pessoas, embora essas, sobretudo, muitas vezes, recém floresçam realmente bem mais-tardiamente, ainda já estivessem presentes, enquanto predisposições, desde casa. Imaginemos, pois, em que condição, totalmente desprovida de consciência, a alma se encontre à época, quando, nos primeiros períodos de formação do óvulo, somente tais formas de transmissão fossem possíveis. Tornemo-nos nítido como aqui, na alma do embrião, enquanto ela só- e unicamente fora uma força que atuasse na formação, desenvolvimento; na atração e distribuição de substâncias, ainda que, de modo inconsciente, todas as demais orientações do espírito da vida consciente, que recém mais tarde far-se-ão notar, realmente já estivessem pré-formadas! Se assim o fizermos, teremos diante de nós, um dos momentos mais notáveis e instrutivos momentos da história da relação entre consciente e inconsciente. Certamente, neste contexto, tornar-se-á explícito, o quanto, fora e afora, a nossa vida anímica consciente repouse na região do inconsciente e dela emerja; assim como seja bem-peculiarmente o primeiro ato criador da ideia que se vive aí enquanto alma, embasar, de maneira ainda totalmente inconsciente, a admirável diversidade do organismo; bem como, logo em seguida, quando, mediante o espelhamento da ideia nesta criação, desponte a consciência, isto é, a irradiação inconsciente daquele divino, que é o manancial inexaurível, a partir do qual sempre advenham, mais e mais, novos enriquecimentos à consciência.

Justamente porque reconhecamos como sendo da mais-alta importância, para fins de uma ciência da alma, adentrar o mais fundo possível, no entendimento da ideia sem consciência, que opera zelosamente dentro de nós, é que aqui inicialmente requeira-se incondicionalmente, esboçar, com traços mais pontiagudos, a história do organismo em vias de devir, nomeadamente, a do humano. Neste tocante, é especialmente necessário, reconhecer nitidamente a essencialidade do processo de desenvolvimento, sem, todavia, perder-se em todas as modificações individuais deste; uma compreensão que, não obstante, recém tornara-se possível, em tempos mais recentes, por meio de pesquisas meticulosas, de modo geral, ainda totalmente desconhecidas ao leigo, e até mesmo, a muitos médicos. Somente a partir desta nitidez da compreensão, tornar-se-á verdadeiramente possível, deduzir retrospectivamente, a peculiaridade mediante a qual atua, de modo geral, uma vida anímica que forma inconscientemente. Se E. Stahl,[18]<sup>4</sup> a quem, já no século XVII viera o pensamento de que “somente seja a alma que verdadeiramente crie e forme no organismo”, já em sua época tivesse tido condições de conceber, de alguma maneira, representações mais-nítidas acerca desta formação e da verdadeira relação de uma ideia ao seu viver-se aí; e, se não houvesse sido detido, no encaixe de uma contemplação mais-cristalina, ainda pelo pressuposto de certa materialidade da alma; então, a essencialidade total dessas relações necessariamente já se lhe teriam descortinado. Ainda assim, o referido autor, já percebera, de fato, a diferença entre a vida consciente e inconsciente da alma, quando afirmara mui-acertadamente: “embora o inconsciente e involuntário ocorra no organismo também como *ratione* o “λόγος; se bem que, não enquanto *ratiocinio* o λογισμῶ”, cujo reconhecimento também o preenchesse e enchesse tanto de satisfação, que mirasse de cima para baixo, com certo desprezo, à psicologia de seu contemporâneo F. Hoffmann[19]<sup>5</sup>; e, até mesmo, passasse a ter sérios atritos com Leibniz[20]<sup>6</sup>, haja vista que este, embora mais-acertadamente, em si e para si, tivesse captado a alma em sua imaterialidade do que ele próprio; entretanto, desconsiderasse a relação da alma com o organismo e, ainda por cima, supusesse uma segunda entelúquia no organismo, a da força-do-movimento, à parte da alma, à qual Stahl, por seu turno, rechaçasse, já que o conceito da unidade do organismo verdadeiramente se lhe afluera e tornara nítido.

### **1.1. Sobre a essência dos primeiros processos de formação do organismo humano.**

Uma verdadeira desgraça crescera a partir da psicologia, à medida que, em tempos mais-recentes, a maioria dos autores que se ocupassem com sua elaboração, sequer possuísem ou tivessem um conhecimento mui-incipiente acerca dos processos de formação e de vida do organismo, hauridos de conceitos bibliográficos e, dessarte, ao buscarem alguma nitidez em torno do que chamassem relação alma-corpo, somente pairasse

diante de seus olhos uma imagem imprecisa da multiplicidade estruturada total do corpo adulto; também carecessem inteiramente de uma representação correta de suas condições iniciais mais-simples. Já Aristóteles afirmara: “e, em vista disso, compete aos cientistas da natureza, a consideração da alma, seja de modo geral ou de sua constituição específica” [21]<sup>7</sup>. Mas, como teria sido possível que despontasse em nós o reconhecimento adequado do consciente, sem que esse fosse precedido pelo reconhecimento e escrutínio do inconsciente, que, por sua vez, também não pudera suceder antes, em função do déficit de conhecimentos prévios! Portanto, assim como na morfologia, somente mediante o estudo da história do desenvolvimento, é que a teoria acerca da relação e do significado dos órgãos possa aflorar mais de perto; assim também, somente reconhecer-e decifrar-se-á satisfatoriamente a forma e a maneira através da qual algo divino – uma ideia – uma arque-imago[22]<sup>8</sup> de um ser, anterior a qualquer existir – se viva aí, na realidade –, através de um fac-símile; e também, as relações, que a partir de então, continuamente, se estabeleçam entre esta arque-imago e seu respectivo decalque, quando remontarmos às condições em que essas relações e formações ainda fossem muito simples; por outro lado, tanto mais dificilmente poder-se-á captá-las, se já tiverem realmente alcançado, uma infinita e intrincada multiplicidade.

Quando pois, agora, dedicarmos-nos a essas considerações, é necessário imediatamente, já antepor e clarificar um fato, como sendo o mais importante, a partir do qual, tão-somente, seja possível alcançar uma luz incomensurável, à compreensão de todas as condições similares; um fato que, todavia, somente pudera ser verdadeiramente desvelado, a partir das pesquisas mais-recentes, e que, se pensadores como Aristóteles e E. Stahl já tivessem-no conhecido, teria feito com que se lhes descortinasse plenamente, a compreensão da formação inconsciente da alma. Este fato é o seguinte: a igualdade perfeita primordial de todas as partes elementares do organismo ou, a verdade, de que toda a ampliação da estruturação dos membros, no corpo-vivo, seja determinada por repetições múltiplas infinitas de uma e da mesma forma elementar mais-simples. Sem embargo, a forma mais-simples de todas, é a esfera pura – e, destarte, sejam as – infinitamente ínfimas esferas-ocas, as microbolhas, as células-primordiais – que, enquanto unidades orgânicas (mônadas), fundamentem a diversidade de toda a formação orgânica. Portanto, tornada realidade uma plêiade de vezes, a ideia instaurada em tais monas e em cada célula-primordial do organismo, é, por conseguinte, sempre tão-somente, a replicação daquela célula-primordial originária – daquele ovoblasto – folículo – a partir da qual, o organismo, como um todo, principiara; e, justamente por isso, não obstante, cada uma destas células-primordiais é, em seu modo especial, a expressão da ideia do todo e, por isso também, à sua maneira, autonomamente viva.

Reflitamos conseqüentemente a ideia de uma tal estruturação e encontraremos que, com isso, em verdade, haveremos dado um passo colossal à compreensão da vida em geral e da relação entre a alma e o corpo estruturado, de modo especial! – Justamente a falta deste reconhecimento é que levava pesquisadores mais-antigos e ainda vários contemporâneos a uma procura absurda pela localização da alma, estivera essa fixada tão-somente em um único ponto, qual aranha no centro de sua teia, a partir de onde essa colocasse em movimento, a engrenagem-mecânica do corpo! – Quem, em contrapartida, já fora capaz de conceber, tão-somente isso corretamente – a saber, que toda a forma básica do organismo consista de incontáveis repetições daquela uma forma-elementar; que, como qualquer célula, seja a replicação do ovoblasto primordial; e como, ela própria, sempre e reiteradamente, realize justamente a ideia-fundamental ou que, dessarte, adquira vida-própria –, este já considerará com outros olhos esse todo que vá se erigindo, a partir de todas essas repetições. Recém por meio desta representação, não obstante, é que também possamos chegar verdadeiramente ao conceito aprimorado, em relação à qualquer organismo mais-bem desenvolvido e, em especial, ao do humano, como sendo um minimundo, um microcosmo; conceito este, que, afora isso, somente seja passível à concepção pela maioria, como alegoria e, por conseguinte, insatisfatório.

Quando nós, em contrapartida, tornarmos-nos nítido que, realmente, o mais ancestral blastocisto do organismo somente se manifeste como algo individual, como uma mona; e que, em seguida, já durante o primeiro avanço de sua formação, desenvolvam-se uma miríade de novas destas mônadas, a partir deste blastocisto; sim, que o corpo-todo, do embrião que gradativamente vá aflorando, somente seja constituído em forma de microbolhas repetitivas – células –, a partir das quais, somente aos poucos, segundo um

plano superior da totalidade da ideia, sequenciem-se conjuntamente, cérebro e nervos, músculos e ossos, órgãos-dos-sentidos, de -formação e de -alimentação; enquanto que, simultaneamente, inúmeras mônadas, a surgir e perecer ininterruptamente, enquanto células-sanguíneas, circulem por todo lado; sim, que também, durante somenos uma rotação terrestre, amiúde, uma plêiade daqueles blastocistos ou células-primordiais, que se agregaram em estruturas maiores, deixarão de fazer parte da organização, se desprendam e sejam destruídas; enquanto que, outras tantas incomensuráveis, sempre de novo, se reestruturam e encadeiam às existentes; e que, ainda assim, em todas essas células formadas *ad infinitum*, sempre se realizara, de modo mui-peculiar, aquela ideia-de-vida primordial do organismo; recém então, gerar-se-á em nós, um conceito de vida que, em sentido-verdadeiro, poder-se-á chamar de digno e que nos permita apresentar e comprovar, que o corpo-vivo, aparentemente simples e sereno, seja, a bem da verdade, inteiramente, um mar agitado pelo constante perecer e devir, no mesmo sentido, como por exemplo, o de um sistema de astros do universo – em suma, como já dito acima, verdadeiramente, como um microcosmo.

Nesses processos, portanto, avistamos a primeira ação sem consciência daquela ideia divina que doravante dever-se-á viver aí enquanto alma; ou seja, como aqui, mediante certas condições, surja, em um líquido proteico simples e, não obstante, com a mesma necessidade formativa, como n'aquela gota d'água, que paire na atmosfera, quando caia a temperatura, na qual se manifeste a ideia de uma cristalização hexarradiante do floco-de-neve; e logo reconhecermos que esta primeira atuação, desprovida de consciência, faça notar-se, de modo geral, em duplo sentido: em parte, nomeadamente, manifestar-se-á continuamente em uma e na mesma formação-primordial, porquanto, em geral, ocorra um desenvolvimento do organismo, reproduzindo- e instaurando-se ininterruptamente; e n'outra, enquanto uma superior que vise a apresentação da totalidade de um organismo estruturado multiplamente. Poder-se-ia, portanto, afirmar que aqui se repita amiúde, na própria substância, a antítese aludida acima, entre substância e forma, à medida que a infinita replicação da célula-primordial, sob uma miríade de mônadas ou células com vida-própria, como que apresentassem a substância, o material do organismo; enquanto que as multifacetadas modificações destas células aglomeradas infinitamente, segundo o esquema superior da totalidade de nossa formação orgânica, recém fundamentassem a forma e, mediante essa – como Aristóteles dissera bem certamente –, “a realidade de toda formação viva”. [23]<sup>9</sup>

Todavia, não dever-se-á considerar como importantes, neste contexto, somente essas condições constitutivas espaciais, mas, igualmente também, o momento temporal requer nossa atenção especial. Fora, nomeadamente, essa atividade produtiva, deste divino dentro de nós, que denominamos, mediante seu pleno desenvolvimento, de alma, algo meramente repentino, que atuasse somente uma única vez e se manifestasse como um raio e não se estendesse no tempo; então, neste caso, ela, de fato, em nada se distinguiria da cristalização ou da formação de um membro qualquer do organismo terrestre; mas, ela é, sob certa medida, duradoura, transformadora, sempre destruidora e reconstrutora; e dessarte também, justamente através destas repetições, mantenedora do organismo; e, por meio desta revelação inconsciente de um organismo-superior, desponta uma propriedade sua, altamente digna de nota, a saber, que ela se remeta tanto ao tempo quanto aquele primeiro momento formativo se referira ao espaço.

Desta propriedade é que, a partir de agora, resultam condições mui-importantes, também ao desenvolvimento da vida anímica consciente superior. Como, nomeadamente, se evidenciara antes, que, em relação à manifestação espacial do organismo, sempre seja necessária uma infindável quantidade de unidades, subordinadas à constituição de uma forma mais-elevada completa, assim também seja necessário que aquele efeito mantenedor-progressivo, próprio e necessário àquela produção temporal do divino inconsciente no organismo, sujeite-se, em todos os momentos temporais individuais de sua existência, a um superior, ao tempo geral de sua existência. Este divino que, nomeadamente, como tal, também necessariamente tem parte no predicado da eternidade, revela continuamente sua essência, de modo que, inclusive, poder-se-ia dizer, que uma fração desta eternidade se manifeste por um período de tempo, que continuamente se desintegre em passado e futuro e que, por assim dizer, poder-se-ia chamar de sua eternidade relativa; isto é, de seu tempo de vida. Mas, justamente porque, em decorrência, cada passado e futuro do organismo-vivo consista de partes integradoras de um todo, nomeadamente, fragmentos de uma eternidade-relativa, assim

também, essas precisam comportar-se, umas em relação às outras, do modo mais-preciso: a que precedera precisa apontar terminantemente à seguinte; assim como, a presente, à passada; e, neste aspecto, reside justamente o fundamento superior daquela relação entre os tempos, que, mais adiante, caracterizaremos, em relação à consciência, de memória e de previsão.

Conquanto, destarte, todo o crescimento, formação, destruição e reconstrução – em suma – todo este devir inconsciente, sempre denuncie, da maneira mais consistente e exata, as relações do precedente com o subsequente e do ulterior-, ao anteriormente existente, embora ele próprio se demonstre em constante fuga entre passado e futuro, sem, de fato, ter um presente; ainda assim, esta antevisão e memória, dento dele, deverá ser considerada mais-segura e -certeira àquela da esfera consciente; e, dever-se-á tornar uma tarefa importante aqui, onde queira-se ponderar o inconsciente da alma, explicitar qual seja a condição verdadeira desta memória inconsciente e desta capacidade de previsão inconsciente. Recém mais adiante, portanto, concluir-se-á, que um presente verdadeiro, isto é, encontrar-se um verdadeiro ponto-de-apoio entre passado e futuro, somente tornar-se-á possível, ao espírito consciente; como também, de modo geral, a fugacidade do tempo, superada; e a eternidade, apossada. Aqui, porém, no desenvolvimento do espírito consciente, ao alcançar-se o presente, em contrapartida, o passado e o futuro tornam-se mais foscos, enquanto, embora o inconsciente prescindia de um presente de fato, tanto mais íntimas e certas lhe sejam as relações entre passado e futuro.

Em todo o caso, é da maior importância que tornemo-nos total- e perfeitamente nítido, qual seja o sentido daquilo que se encontre abscosso, na opacidade da produção inconsciente da ideia e que, ainda assim, com tamanha precisão, corrobore-se pela previsão e memória; e, tornar-se-á necessário, inicialmente, determo-nos mais detalhadamente neste aspecto, para construirmos um conceito totalmente nítido e completo a seu respeito. Somente após concluí-lo exitosamente, é que tornar-se-á possível abrir-se uma compreensão daquilo que, a partir disso, efetivamente passe à vida consciente da alma; sim, demonstrar-se o quanto esta vida consciente, só- e justamente, recém encontre-se fundamentada, fora e afora, por este prometeico e epimeteico da ideia que crie inconscientemente. Não fora sem sabedoria profunda, que já os gregos relacionassem os mitos de Prometeu e de Epimeteu a tudo àquilo que possa ser chamado de uma formação superior da humanidade.

Esse ensinamento sobre o prometeico e o epimeteico do inconsciente, até hoje totalmente desconsiderado, não obstante, despontar-se-nos-á, da maneira mais cristalina, se, inicialmente, lançarmos um olhar mais arguto à história de toda a vida orgânica inconsciente: ao desenvolvimento misterioso e silente do mundo da flora ou à vida ao ímpeto bem-mais irrequieto e agitado, do mundo da fauna. Em cada moção e forma, se tivermos espírito atento, poderemos compreender que ali, por toda a parte, encontre-se algo oculto, mediante o qual, seja possível interpretar retrospectivamente algo do passado, que já estivera aí anteriormente e, por meio do qual, também seja possível antever algo daquilo que continuar-se-á formando, isto é, algo futuro. Assim, por exemplo, as primeiras divisões de um broto de planta já indicarão ao tipo e à posição posterior das folhas; bem como, as folhas, à coroa de flores; e também, a primeira predisposição da floração, à estruturação precisa de uma formação, a partir da qual, já na gênese de sua vida, a planta surgisse, como um todo; e que, embora permaneça-lhe inconsciente, mantivera-se tão presente em sua memória, a ponto de ser capaz de reproduzi-la integralmente, no auge de sua vida, sob a forma de um grão-de-semente. Sim, ao observarmos mais de perto a vida, logo veremos que deva conservar-se inteiramente, em seu anseio à continuidade, um sentimento, uma recordação inconsciente, daquilo que anteriormente fizera-se presente; como, d'outro modo, poder-se-ia explicar que, no ápice de um desenvolvimento, após haver perpassado múltiplas fases variadas, pudesse retornar algo que fosse exata- e igualmente formado como no broto inicial, a partir do qual a formação irrompera (p. ex., o óvulo ou o grão-de-semente); e, por outro lado, reconheceremos que devesse permanecer algo vivo nele, uma previsão precisa, ainda que inconsciente, daquilo, em direção ao qual, seu processo de formação devesse orientar-se e daquilo que devesse aspirar; não fora assim, seria totalmente inexplicável, seu caminho seguro de progressão, bem como, a preparação regular de diversas manifestações que, em si, sempre somente possam constituir períodos de transição, mas que, elas próprias, sempre sejam subordinadas a propósitos mais-elevados. Portanto, quanto mais escrutinarmos a fundo tudo

isso; quanto mais precisamente reconhecermos que, mediante uma solidez extraordinária, o sentimento retrospectivo do preexistente e o prospectivo do vindouro, expressem-se aqui inconscientemente, tanto mais precisaremos chegar à convicção de que tudo àquilo que chamemos de memória ou de lembrança, em relação à vida consciente e, ainda mais além, tudo àquilo que vislumbremos como saber antecipatório, em relação à essa região, em verdade, não esteja muito aquém da solidez e segurança mediante à qual, na região da vida inconsciente, este princípio epimeteico e prometeico; essa capacidade de recordação e de previsão, ainda sem qualquer consciência de um presente, faça-se valer. Quando, em animais de ordem inferior, um membro perdido seja reconstituído, do modo mais-perfeito, como que, regenerado, a partir de uma reminiscência inconsciente de sua imagem preservada; quando, no inicialmente somente microscópico, óvulo humano, ao longo de seu desenvolvimento paulatino ao ser humano maduro, a imago da organização humana, de modo geral, inclusive, de modo especial, a da organização materna ou paterna, permaneça de tal maneira inolvidável, durante sucessões de gerações, para, cada vez mais e em uma sequência bem-gradativa, fazer ressurgir final- e realmente, na forma mais nítida, àquela imagem, daquela primeira linhagem; quando, um grão-de-semente, ensilado a seco, ao longo de um milênio, preserve a forma da planta da qual proviesse, mediante tamanha nitidez, que, bastando propiciar-se lhe humidade, nutrientes e calor, este seja capaz de reapresentá-la, com todos os detalhes, na constituição microscópica de suas células; então, de modo algum, poder-se-á ignorar que aqui esteja em jogo algo epimeteico poderoso. Quando, por outro lado, no embrião, que ainda não pareça fazer a mínima ideia da atmosfera, à qual mais tarde será inserido, ainda assim, já esteja sendo preparado, mediante a maior perfeição, o tecido maravilhoso da estrutura pulmonar, para dentro do qual, somente após ao nascimento, essa atmosfera deva penetrar; quando, as secreções que protegem os ovos da mariposa-noturna forem expelidas mais-intensamente, tão logo aproxime-se um inverno mais-rigoroso; quando, as sementes de tantos tipos de plantas já tiverem que preparar, em tempo, seus recursos de voo, ainda bem antes, dentro dos seus respectivos invólucros, à sua posterior disseminação pelo vento; então, tudo isso aponta reiterada- e terminantemente ao poder do prometeico e à segurança da previsão inconsciente.

Portanto, até aqui, obtivemos dois grandes fatos relevantes ao conhecimento da vida interior da alma: por um lado, que aquilo que verdadeiramente produza inconscientemente em nossa alma, gerando um fac-símile da arque-imago, e que consuma a construção desta cópia, à medida que continuamente promova infinitas replicações daquele primeiro tipo de mônada, na vida; ou seja, que instaure a célula-primordial, de modo que, de acordo com isso, sob este aspecto, qualquer organismo, em verdade, manifeste-se como um mundo de mônadas ininterruptamente evanescentes e desvanecentes, a bem dizer, enquanto um mundo de unidades, que, todavia, sempre amiúde encontrem-se subordinadas a uma unidade superior e na qual, por conseguinte, ocorra a mesma relação concentradora da multiplicidade à unidade, sobre a qual, em sentido supremo, baseie-se toda consciência do espírito. Por outro, que nos tornáramos atentos à constante imbricação interior entre passado e futuro, na história desta revelação inconsciente da ideia na vida, enquanto organismo, e aprendêramos a conhecer o prometeico, em vias de porvir e o epimeteico, do já realizado e nele, ao mesmo tempo, sem embargo, por um lado, a condição essencial à essa vida e, por outro, a preparação daquilo que, quando a consciência aflore, passará a ser chamado de memória e de saber premonitório.

Mesmo mediante tudo que fora dito até aqui, nem de longe esgotáramos àquilo que a ciência ainda tenha a dizer, detalhadamente, acerca da ação zelosa do inconsciente da alma de uma existência humana; sobretudo, será do maior interesse, mais adiante: a) que se demonstre a maneira pela qual, não só como um todo e geral, essa produção de um divino, que se viva aí inconscientemente, determine àquilo que chamamos de uma organização humana; como também, haja vista que as infinitas moções, irradiações, estruturações e desenvolvimentos, também da alma consciente, somente tornar-se-ão inteligíveis, levando em conta a diversidade interior da estruturação orgânica e, por meio dos mais diversos espelhamentos que a partir dela aconteçam, sobretudo, para conceber uma representação mais detalhada do surgimento e do sentido desta estruturação orgânica, de modo geral; b) como, através da ação zelosa inconsciente da ideia dentro de nós, não só seja determinada a manutenção e o desenvolvimento de uma vida individual isolada, mas também, a multiplicação dos indivíduos ou a manutenção e o desenvolvimento da espécie – que também encontra-se em retroalimentação, da mais-elevada importância, em relação à vida



espiritual consciente da alma – à medida que encontrar-se-á que uma consciência somente desenvolver-se-á, sob a condição da vida do indivíduo dentro da pluralidade da espécie –, destarte, haja vista que a ideia, de modo inconsciente, também provoque a multiplicação da espécie, far-se-á necessário dedicar-lhe logo em seguida, uma exposição mais circunstanciada; c) finalmente, caberá aqui também, evidenciar ainda mais precisamente, àquilo que, na alma, mesmo quando nela se desenvolvesse uma consciência, ainda assim, faça parte da profundidade misteriosa da inconsciência. – Tudo isso, em decorrência, ora precisará ser considerado paulatinamente, antes de adentrarmos aos círculos que alhures, muitas vezes, fossem considerados como os únicos pertencentes ao ensino acerca da psique, nomeadamente, as regiões do espírito consciente. Inicialmente, portanto, consideremos o que segue.

### **1.1. Consideração da primeira instauração da estrutura do organismo, em sistemas diversos, através da ação zelosa inconsciente da ideia.**

Entre várias coisas incompreensíveis e irresponsáveis que a psicologia mais antiga arrastar consigo, n'uma das primeiras posições, encontra-se o ensino acerca da relação existente entre corpo e alma, na medida em que sob esse não só se tivesse em mente tanto a relação entre a ideia – a arque-imago divina, em si e para si –, e a sua cópia corporal cunhada na substância etérea, também, em e para si; mas que, sobretudo, se entendesse, ou melhor, não se compreendesse realmente, sob esta, a relação entre diferentes regiões da vida anímica, respetivamente, como essas se expressem ora consciente-, ora inconscientemente. Assim, por exemplo, subsumira-se à relação corpo e alma, a exposição da relação existente entre as funções cognitivas do cérebro alçadas à consciência e as funções digestivas sem consciência do estômago, ao afirmar-se que o pensar da alma seria influenciado pela vida nutricional; o espírito, pela vida sanguínea do corpo, etc.; e não se levasse em conta de que aqui e em todos os demais casos semelhantes, com efeito, não haja qualquer antítese entre alma e corpo; mas, tão-somente, se tivesse diante de si, uma contraposição entre diferentes regiões, ora conscientes, ora inconscientes, da alma, que se viva aí ou uma arque-imago divina, que se viva aí temporal- e organicamente. Já este ensinamento falso, chamado 'acerca da alma e do corpo', cujo efeito recíproco entre estes dois fatores, ademais, dessa maneira, ainda sequer pudesse ser elucidado, disseminara muito equívoco indescritível, na psicologia, e somente esclarecer- e eliminar-se-á verdadeira- e totalmente, quando a teoria da estruturação das diversas esferas-de-vida e dos sistemas do ser humano seja trazida à plena nitidez; digo eliminado, porque, àquilo que verdadeiramente possa ser chamado de relação entre corpo e alma, arque-imago e fac-símile, sobre isso, a psicologia, mal precise tomar a menor notícia. À psicologia, nomeadamente, somente interessa a vida; vida essa em que a ideia, a alma, atue e viva-se aí; – em tudo o que é vivo, todavia, a ideia e a substância etérea, precisam ser concebidas in actu, de modo geral, como eternamente indivisas e somente como uma unidade inseparável. Se, destarte, realmente discernirmos, em pensamento, a substância, da forma-de-vida, como Aristóteles as denomina, então teremos que levar em consideração aparte todos os elementos químicos que encontram-se em fuga eterna, perpassando a forma da vida orgânica, como carbono, cálcio, oxigênio, nitrogênio, hidrogênio, sódio, ferro e cloro etc.; e, necessariamente, haveremos de perguntar-nos, o que esses tenham a ver, em si e por si, à vida; respectivamente, aos processos da alma e do espírito? Tudo isso somente torna-se vivo, no sentido humano, à medida que a ideia o conceba; ou seja, ordene-o sob uma forma orgânica; entretanto e por conseguinte, enquanto e durante o tempo em que sirvam à essa forma específica, também não poder-se-á dissociá-los daquilo que Aristóteles denomina de forma, haja vista que esta forma, por toda parte, simultaneamente seja corpo e alma e que somente as diversidades desta forma, às vezes, sejam contrapostas erroneamente, enquanto corpo e alma.

Se, não obstante, contrapormos corpo e alma, no senso comum, por exemplo, separando, por um lado, a cognição e as excitações do sentimento e, por outro, o movimento muscular e a circulação-sanguínea, então somente ter-se-á duas esferas distintas da vida anímica, a consciente e a inconsciente, onde, em cada qual, a ideia e a substância etérea operem em associação inextrincável.

Contra todos estes erros, resguardar-nos-emos, à medida que a representação da estruturação das diferentes esferas-de-vida houver sido consolidada satisfatória- e completamente: como essa gradativamente vá se

constituindo, a partir da ação zelosa de um inconsciente e, segundo a sequência divina superior, e como ela seja mantida continuamente desta maneira, também mediante a mais íntima sinergia dos membros. Também neste contexto será necessário começar reconhecendo que todas as divisões que aqui, por exemplo, expressem- e articulem-se, enquanto sistemas orgânicos individuais, somente sejam admissíveis enquanto recurso artificial para facilitar sua visão e compreensão panorâmica. Seria absurdo imaginar, que os sistemas vascular, nervoso, respiratório e digestivo pudessem ter separadamente qualquer espécie de realidade; pois, é somente por meio de sua cooperação, na totalidade a todos os demais, que estes tornem-se reais. Se, por outro lado, assumir-se firmemente esta representação, em seu fundamento mais profundo, então não só permitir-se-á sua consideração, um após ao outro, como também, inclusive, esta far-se-á prioritariamente necessária, para precisar da melhor maneira possível, o significado psíquico distinto, do modo pelo qual cada um destes sistemas, em seu jeito especial, faça-se valer, ora consciente-, ora inconscientemente, na vida da alma superiormente desdobrada. Contudo, tendo em vista o farto material disponibilizado pelos estudos mais recentes, acerca da história do desenvolvimento do organismo, por ora, somente será possível lançar uma olhadela panorâmica; ainda assim, será necessário dizer-se, que, mesmo o menor fato fisiológico, jamais deixe de ser sem significado psicológico algum; e que, quanto mais o psicólogo também descer a essas profundezas tanto mais rica será a recompensa que trará à luz, em prol de sua área de conhecimento.

Portanto, antes de tudo, devemos voltar nossa atenção ao processo em como ocorre que as irradiações individuais, que contêm a arque-imagem divina em vias de revelar-se organicamente, vivam-se aí em diferentes sistemas orgânicos? Cabe lembrar, neste contexto, que todo e cada material da formação somente seja dado, à medida que justamente esta mesma forma primordial, portanto, a mesma mônada ou célula primordial, na qual a ideia de vida do organismo, pela primeiríssima vez, fosse instaurada espacialmente, enquanto ovoblasto microscópico, no decorrer de seu desenvolvimento, replique-se imensuráveis vezes, de modo que, inicialmente, o organismo por devir manifeste-se, fora e afora, como uma construção que demande do elemento líquido de incontáveis células primordiais ou mônadas, sendo cada qual com vida-própria, e que, após consumado seu ciclo-de-vida, ressurgam, redespareçam, para após serem substituídas por novas mônadas; estas estruturas, quanto mais próximas à primagênese da formação geral tanto mais serão completamente idênticas entre si; e, quanto mais distantes daquela, tanto mais e mais encontrar-se-ão modificadas especial- e individualmente e fundidas em estruturas maiores, de modo que sua individualidade desapareça totalmente dentro delas. Isso porque, trate-se da essência e do objetivo de toda a revelação da ideia, de modo geral, cunhar de modo cada vez mais marcante e forte a individualidade. À medida que, dessarte, certas sequências destas mônadas apresentem mais esta ou aquela irradiação da ideia, também despontam círculos-de-vida individuais, que se expandam também mais e mais espacialmente e, aqui e acolá, surjam sob a forma de construção fundida destas células primordiais, os quais caracterizamos pelo nome de sistemas-orgânicos e nos quais, por conseguinte, ou seja constituída somente uma irradiação da vida anímica inconsciente ou seja preparada prometicamente, a futura manifestação de uma irradiação da vida anímica, que revelar-se-á como consciência.

Antes, porém, de perseguirmos mais de perto esses desenvolvimentos especiais, ainda far-se-á necessário chamar a atenção a uma peculiaridade destes processos que deva ser considerada enquanto extraordinariamente característica a este tipo de produção, a partir de nossa arque-imagem divina: seu caráter maravilhoso, instantaneamente instaurador, criador, aumentador de todas essas formações primordiais (cristalizações) de nosso organismo e de outros similares.

A fisiologia enumera, neste tocante, manifestações que, para qualquer um, mesmo ao neófito, que recém comece a ocupar-se com tais cousas, tenham algo de fabuloso. Só para dar alguma ideia da rapidez de tais processos, por exemplo, cito que nosso próprio corpo, desde seu começo embrionário, no período de apenas uma translação lunar, aumente mais de quinhentas vezes seu comprimento ou, em vinte e cinco mil vezes, seu volume; e, inclusive, até a passagem da segunda translação subsequente, amplie, no mínimo, em cinquenta vezes, sua massa; enquanto que, simultaneamente, em seu interior, sequenciando continuamente célula à célula, constitua a forma exterior do corpo; bem como, estructure os sistemas orgânicos interiores individualmente, mediante uma objetividade e delicadeza excepcional. A observação microscópica do

desenvolvimento de organismos animais alumiara aqui, nomeadamente, a ciência, e difundira, por toda parte, representações consonantes à natureza, acerca da celeridade, proporcionalmente, verdadeiramente descomunal, de tais histórias de formação; e, se refletirmos sobre estas coisas, em sentido mais-elevado, então dever-se-á tornar plenamente nítido, o poder extraordinário com o qual, também sob este aspecto, um divino a viver-se aí, total- e plenamente inconsciente, seja capaz de expressar-se nestes processos.

Já esse poder próprio ao princípio anímico divino; esse controle e interpenetração absoluta da substância, já em um período onde este anímico ainda estivera tão-somente inteiramente recolhido em si mesmo, formando, como que sonhando; ou, haja vista que ainda não raciocine por pensamentos, precise pensar através de formas, proporcionar-nos-á, se ora o perscrutarmos adequadamente mediante nossa consciência, um grande passo avante, ao autorreconhecimento e à compreensão de nossa alma. Evidentemente, continua sendo notável, em contrapartida, dar-nos-emos conta de que essa agilidade mediante a qual a ideia viva-se aí, diminua consideravelmente, quanto mais a verdadeira meta desta vida devesse ser considerada como alcançada. Já o exemplo acima indicara, quão cedo a presteza do processo de desenvolvimento diminua; mas se, não obstante, continuarmos a aprofundarmo-nos na história da vida, constataremos que, ainda antes do fim do crescimento geral, no primeiro quarto da duração da vida e nos períodos mais tardios, já aumentem as paralisias, degenerações e atrofiamentos; processos estes que, por conseguinte, igualmente não falem às condições de vida anímica consciente e façam-nos perceber seu reflexo decidido – o que prova, que face à infinitude da ideia, cada revelação finita sua, somente possa ser algo imperfeito, que, mais cedo ou tarde, necessariamente, amiúde dissolver- e perder-se-á.

Se ora investigarmos mais a fundo, a constituição de sistemas e estruturas especiais, neste devir orgânico, caberá ainda ressaltar destacadamente outra manifestação, que, embora já tivera sido assinalada antes, de modo geral, mas que, devido ao seu significado espiritual superior, precisará ser caracterizada agora ainda mais de perto: referimo-nos, nomeadamente, à fusão daquelas primeiras unidades dadas, daquelas células-primordiais que surjam mediante a sempre reiterada instauração da ideia, em um todo cada vez maior. Tão certo quanto seja, que, de modo geral, tudo o que haja no organismo comece com a construção celular, também é que, em todas as estruturas superiores, como nas fibras nervosas, musculares, vasos-sanguíneos e membranas, estas células-primordiais amalgamem-se completamente entre si, mediante uma formação progressiva, desaparecendo individualmente, mas já demonstrando a nível inconsciente, aquilo que ao cabo, no consciente, tornar-se-á uma tarefa de vida superior, a saber, o soçobro do especial no geral. Digno de nota e repleto de sentido, neste tocante, é, não obstante, que tais formas-primordiais não desapareçam inteiramente por toda parte, mas persistam, de modo geral, de duas maneiras: por um lado, nomeadamente, lá onde algo bem ífero, somente elementar, seja produzido, por exemplo, na circulação-sanguínea das assim chamadas hemácias; como também, nas células-epiteliais, em constante renovação, etc.; e, por outro, onde o elementar precise persistir, enquanto formação-primordial, como o mais-elevado, para, por meio de uma polarização imagética, através da ideia, manter-se sempre ativo, isto é, nos nervos e no cérebro.

A última observação nos conduz, por conseguinte, àquele dentre todos os sistemas orgânicos da psicologia, mais proeminentemente interessante, qual seja, ao sistema nervoso. Nós tomamos ciência, neste contexto, que não só no ser humano, mas na totalidade da ordem de todos os animais de fato, tão logo a ação zelosa inconsciente, do princípio anímico, produza múltiplos sistemas orgânicos, a partir daquela massa primeva semilíquida das células-primordiais, para atender às diversas necessidades da existência corporal, que, por conseguinte, mediante este célere avanço de uma polarização, cada vez mais emergente, ainda assim, remanesça realmente, em determinadas posições, essa substância, quase que integralmente nesta mesma essencialidade mais tenra semilíquida, assim como ela inicialmente se fizera perceptível, por toda a parte, na predisposição geral do organismo. Aqui, pois, onde uma massa se acumule que, justamente por não passar por uma diástase a outras estruturas dispartadas, haja vista que realmente não se polarize organicamente a outras, preserve continuamente a capacidade de ser modificada em sua tensão, isto é, polarizada, mediante a mais sutil irradiação espiritual da ideia, ou seja, já através do sentimento inconsciente, bem como, do pensamento consciente. Se interpretarmos este significado de tal formação bem objetivamente, então compreenderemos perfeitamente sua importância inaudita, bem como, o quanto todo

o desenvolvimento anímico superior da vida repouse unicamente sobre este fulcro; e é justamente por esta razão que cada qual procurará em vão chegar a uma compreensão total acerca do tipo e da maneira como uma alma, dotada de energia superior, possa viver-se aí corporalmente, se antes não tiver chegado a uma noção suficiente destes processos de formação. Somente aquilo, em si, ainda altamente indiferente, mais delgado, nomeadamente, o material elementar semilíquido do organismo, é que pode ser adequado para deixar-se definir e permear fora e afora pelas correntes, moções, diferenciações interiores mais sutis, que a acomodação da ideia à manifestação desencadeie; assim como, quanto mais esta massa ainda mostrar-se, na predisposição do organismo como um todo, tanto mais caudalosa também será a celeridade mediante à qual, uma formação orgânica multifacetada, possa concretizar-se dentro dela; e, destarte também, uma formação, que posteriormente deva permanecer sem maiores alterações orgânicas, e somente viver-se aí, mediante cada repolarização mais delgada do princípio divino interior, através de condições alteradas da corrente e da tensão da energia interior, unicamente poderá ser aquela que seja capaz de preservar e apresentar plenamente àquela substância elementar semilíquida, ao longo de toda a vida. Por meio deste reconhecimento, portanto, ora temos condição de compreender, segundo seu fundamento interior, àquilo que há tempo já evidenciara-se nitidamente à observação exterior, pela experiência, a saber, que a dignidade superior ou inferior do pensamento fundamental divino de um organismo, em suma – sua alma, mais ou menos enérgica –, mais do que tudo, precise caracterizar-se pelo tipo e predisposição de seu sistema nervoso e, doravante, por meio de sua atuação contínua dentro deste: se essa apresentar um grau mais elevado de centralização no sistema nervoso ou se na massa e na formação, uma parte desta – o cérebro – predominar, em volume e desenvolvimento mais refinado, em relação aos raios que difunda sobre o organismo; ou se essas irradiações – os nervos – sejam mais refinados e numerosos ou mais rudimentares e raros; tudo isso, por consequência, será inteiramente característico e relevante à constituição de uma potencialidade, para que desponte na vida da alma aquela centralização, sobre a qual unicamente, por outro lado, como mais tarde concluir-se-á, possa consolidar-se a possibilidade à consciência.

Justamente porque, não obstante, encontre-se dado, no sistema nervoso, o mais primordial, cristalino, fora o organismo dentro do organismo, é que este também somente pode apresentar-se retraído no mais interior, de modo que, doravante, ser-lhe-á impossível manter-se em interação direta com o exterior ao organismo. Por essa razão, portanto, é necessário que se formem, por um lado, membros intermediários; portanto, precisarão surgir formações que assumam a função de mediação; ou seja, que transmitam efeitos exteriores aos nervos – à tal, destinam-se os órgãos sensoriais – (pois aquilo que toque o nervo diretamente, como no caso de lesões, somente provoca um estado de sofrimento nesses – a dor); ou, inversamente, estruturas que transfiram a influência dos nervos sobre o exterior (e, à essa finalidade, servem especialmente os órgãos locomotores, a musculatura). Por outro lado, todavia, também surgirão estruturas que integram àquela retração do nervo; ou seja, que demonstrem um isolamento mais completo deste, nomeadamente, de suas massas-centrais; à essa função fora destinado o esqueleto – e, nominalmente, o esqueleto neuronal.

Já, a partir disso, surge-nos o conceito da exigência necessária de uma maior multiplicidade de sistemas orgânicos para que a alma possa viver-se aí. Como, todavia, tal diversidade somente possa viver-se aí gradativamente no tempo e lhe seja tão imprescindível uma constante troca de substâncias com o mundo exterior, à materialidade de seu ser, quanto, igualmente, à espiritualidade de seu ser, a troca recíproca com o mundo exterior de sensações e reações da ideia, ainda será necessário o desenvolvimento de sistemas especiais para este intercâmbio e, justamente por isso, é que estes primeiramente adquirirão uma forma mais definida. A divisão também destes sistemas destinados à troca material, os quais, não obstante, também surgiram a partir da ação zelosa inconsciente da ideia e jamais prescindirão da assinatura psíquica, determina-se da seguinte maneira: por um lado, pela necessidade de assimilação de substância; por outro, pela imperiosidade de sua excreção e, em terceiro lugar, pelo seu indispensável processamento interior. Dessarte, logo surgem, de modo bem definido, na pluralidade da edificação celular orgânica, os sistemas gástrico, respiratório, entérico e vascular. Mas, como a manifestação do organismo individual, em si e por si mesma, também esteja determinada a ser uma provisória, à cuja ideia, somente seja emprestada uma existência duradoura, dentro da ideia da espécie, por meio de inestimáveis repetições, de geração em geração; assim também, precisa ser inerente ao organismo, já que ele mesmo proviesse de um anterior, a

possibilidade de uma nova geração, em função da qual, amiúde, funde-se um sistema especial, a saber, o da multiplicação da espécie. Em decorrência de tudo isso, por conseguinte, descerra-se, de uma vez, a necessidade de uma grande multiplicidade da formação orgânica, sob a qual, não obstante, sempre somente uma possa ser chamada de central; uma, que seja o propósito supremo de todas as demais; que seja a única puramente anímica e, em vista disso, possa ser chamada de forma mais cristalina do viver-se aí de um divino: – o sistema nervoso. É de extraordinária importância, à toda compreensão da vida anímica, conceber estas condições com a devida contundência: assim como Deus se revele através da totalidade da manifestação do universo; mas, segundo nossa capacidade de reconhecimento, mais puramente, em naturezas humanas nobres; assim, por outro lado, a alma, o pensamento-basal divino do ser humano, revela-se, embora vivendo-se aí na totalidade integral do organismo humano, ainda assim, da forma mais direta, em seu sistema nervoso. Estas condições precisam ser contempladas demoradamente, através de profunda introspeção, empenhando-se por captá-las dentro de si mesmo, e, somente então, tornar-se-á possível trazê-las a bem de um reconhecimento mais nítido. Evidentemente, no limite, seja absolutamente imprescindível, de modo geral, que chegue-se a uma convicção pura e transparente acerca da relação entre o ideal, que condiciona de maneira causal a manifestação, e o material, no qual o ideal possa vir a manifestar-se. Em minha obra “Sistema da Fisiologia”, eu indicara que, como aqui, onde a física do organismo faça a transição à metafísica, porque aqui seja necessário pensar uma coisa que se encontre fora e acima da realidade. A realidade – nós próprios – o mundo –, enfim, tudo, apenas tem uma existência, à medida que, simultânea e indissociavelmente, ocorra uma simbiose entre ideia e substância. Nem por isso, deixamos de ter, em nosso próprio ser-ideal, a faculdade de discernir, mediante nosso espírito, à medida que coloquemo-nos por sobre a natureza (ou seja, procedamos metafisicamente), entre ambas, em si inextrincáveis, chamando uma delas, doravante, de uma ideia – a imago do ser anterior a qualquer existir – o pensamento de Deus – a arque-imago – aquilo que seja eternamente idêntico a si mesmo, atemporal e atópico – movido somente ao modo divino e não espacial; e a outra, de substância, ou melhor – de éter (derivado de ἁεὶ θεῶν – “estar em dinâmica eterna”) – relativa ao eternamente móvel e, realmente, eternamente movido, que por meio deste movimento determine o tempo e o espaço; e, dessarte, cindimos, até certo ponto, em pensamento, aquilo que, segundo sua verdade e essencialidade, seja eternamente ligado e unido inseparavelmente.[24]<sup>10</sup>

Neste ínterim, todavia, vale lembrar, em especial, que essa indivisibilidade entre ideia e substância-etérea jamais dever-se-ia pensar de tal modo como se um, e justamente o mesmo elemento, sempre e eternamente, ou sequer, por um tempo mais prolongado, estivesse ligado a uma e mesma ideia; ou ainda, fosse determinado por uma e pela mesma ideia; – ao contrário, é necessariamente inerente ao conceito de substância-etérea, eternamente móvel e realmente movida, que ocorra uma constante fuga e atração, de modo que, a mesma ideia, continuamente, necessite viver-se aí, sempre sob novo éter; portanto, que para todo o sempre, qualquer ideia, viva-se aí, através de sempre novas metamorfoses, sob substâncias diferentes e novas. Destarte, se nos evidencia uma eterna atração e fuga dos elementos, às vezes mais lenta-, outras, mais rápida; às vezes imperceptível-, outras massivamente; mas jamais inércia, nem paralisação absoluta; nunca, uma união perene das mesmas potências e, em suma, isso constitui a razão da eterna transformação do mundo.

Todavia, não me é possível aqui, encetar uma discussão mais pormenorizada destas compreensões fundamentais; tampouco, perder-me-ei em polêmicas contra quem pense diferentemente. Há verdades, que o ser humano precise encontrar em seu imo; – verdades que, como dissera certa feita Goethe, precisam ser “organizadas, de baixo para cima”; e àqueles, aos quais estas não sobrevêm, a estes não é possível comprová-las, desde fora; e, por esta razão, isso tudo ficará legado à consciência-da-verdade do(a) leitor(a); talvez as exposições acerca da vida anímica a seguir logrem convencer, mais e mais, de que somente poder-se-á chegar a uma compreensão mais cristalina, se a concebermos a partir desta raiz.

Se, não obstante, inicialmente avançarmos mais, à exploração do desenvolvimento da polarização e estruturação interior do organismo, conduzida e determinada por um inconsciente, então tornar-se-á necessário prestar atenção especialmente em como, nos distintos sistemas orgânicos, cuja necessidade, de modo geral, expuséramos mais acima, simultaneamente, certas direções peculiares da vida anímica, precisem chegar à manifestação bem-especial. Constatáramos, nomeadamente, todavia, que somente

o sistema-nervoso possa ser encarado como autopropósito da vida anímica; enquanto todos os demais, refiram-se inteiramente às relações do indivíduo com o mundo exterior. Portanto, somente o sistema-nervoso é puramente anímico, em si, indiferente, sereno, peculiar, misterioso; enfim, um todo, similar às correntes magnéticas e galvânicas. Mas também, que todos os demais sistemas, com suas estruturas, se constituíssem, a partir de uma substância genérica primordial, essencialmente idêntica àquela semilíquida do sistema-nervoso, por meio daquela ação zelosa inconsciente da ideia e de sua acomodação à substância orgânica; e, portanto, que também estes sejam anímicos – à medida que compreendam uma vida anímica especial, inicialmente, tão-somente inconsciente; e que, igualmente, possam ser trazidos posteriormente à consciência, ao menos parcialmente, por meio da vida consciente, no sistema-nervoso. Logo a seguir, tornar-se-á importante investigar aqui também mais de perto e no detalhe, essas diferentes irradiações da existência anímica, para tornar evidente como, através disso – eu quase diria – sejam fundamentadas almas especiais ou círculos-anímicos, dentro da alma, sobre cujo reconhecimento correto, principalmente repouse àquilo que, comumente, como mostrado acima, indevidamente, fosse chamado de ensino sobre a influência recíproca entre corpo e alma.

Estas províncias especiais, portanto, através das quais o organismo se estrutura, são as, conforme dito, ao lado daquelas mais aparentadas ao sistema-nervoso (as estruturas sensoriais, as locomotoras e as do esqueleto), as nutricionais, que se subdividem, em parte, na absorção e no processamento das substâncias e, em outra, na sua digestão e evacuação. Sendo que estas últimas se distingam, por um lado, entre as que matam coisas exteriores e as utilizam à alimentação, como a secreção biliar da vesícula e similares; e aquelas que, através da exaustão de coisas interiores, libertam e vivificam, como ocorre na respiração. Finalmente, sem embargo, é o desenvolvimento contínuo da espécie, que torna-se a tarefa de um sistema orgânico propriamente dito: – tão certo quanto doravante cada uma dessas províncias, cada um desses sistemas, surja por meio da ação zelosa inconsciente da alma, também será necessário haver e persistir, para cada um deles, um domínio especial às moções peculiarmente interiores da alma, a partir do qual, por sua vez, compartilhar-se-á à consciência, na medida em que essa se desenvolvera, seu matiz peculiar. Desta maneira, portanto, é que surgem aqueles humores peculiarmente sentidos na vida da alma consciente (Gefühle, sentimentos – NT), os quais, por sua vez, manifestam-se refletidos sobre a consciência, a partir de processos orgânicos que, eles próprios, amiúde, sejam condicionados tão-somente por certas direções anímicas inconscientes. Podemos considerar essas temperanças como ciclos especiais, nos quais, um e o mesmo sentimento ora seja aumentado ou diminuído, revelando-se às vezes, por um lado positiva- e, por outro, negativamente. Por enquanto, apenas queremos indicar provisoriamente aos processos mais relevantes deste tipo; mais adiante, teremos oportunidade de analisá-los mais circunstanciadamente.

Assim, por exemplo, no que concirna à esfera da alimentação, sob sua dimensão psíquica, predomine aquele sentimento que se funde, no lado positivo, pela afirmação vivificante da existência; e, em seu lado negativo, quando baseada na deterioração e miséria, posteriormente, mesmo na vida anímica consciente, será tomada por uma grande gama de condições adversas. A abundância de uma vida-sanguínea vigorosa e de uma atividade robusta e saudável do coração, na dimensão orgânica, é ladeada por uma, ou melhor, ela mesma é uma predisposição anímica inconsciente, que seja sentida, quando ocorra o desenvolvimento da consciência, como coragem e vitalidade. Inversamente, uma vida sanguínea diminuída, uma perda significativa de sangue, uma fraqueza do batimento-cardíaco e uma flacidez de sua textura, espelhar-se-á no psiquismo, sob a forma de desânimo, medo, sentimento de debilidade e incapacidade generalizada. – Assim também, torna-se fácil constatar, bem independentemente de que lado partam, se do puramente orgânico ou do psíquico, como estas alterações do humor sejam estimuladas: o estado prolongado em condições de excitação por medo e de pusilanimidade suscita os supracitados estados doentios da vida-sanguínea e vice-versa; e tudo indica para o quanto tenhamos causa para considerarmos ambos, sempre e continuamente, como sendo algo uno. – De igual modo, sucede na esfera da assimilação de substâncias: a vida do sistema-

digestivo, por meio da qual uma nova abundância de matérias elementares seja introduzida ao organismo, expressa-se, a nível psíquico, pela sensação de bem-estar ou de tormento, em relação ao sentimento peculiar de uma existência que, de alguma maneira, tornara-se real; estados estes que se revelam e, assim também,

se multiplicam, na mais elevada esfera consciente, através da agradabilidade da sensação de saciedade e do bom-gosto, em relação àquilo que evoque este tipo de condição; ou, do desagradável, mediante o sentimento de inanição, de fome, de sede e mediante a impressão de náusea àqueles elementos, não perfeitamente adequados à alimentação. Este último aspecto somente ocorre, sobretudo, à medida que haja a colaboração de um sistema-nervoso; pois, aquilo que de fato passe sede, fome ou que viva em um estado de saciedade, de forma alguma, possa ser o próprio sistema-nervoso; isto é, a alma que se prepara à consciência, e sim, sejam as modificações do totalmente inconsciente e, neste caso, do sistema-digestivo; ou seja, as alterações daquela estrutura vital e a concretização do ciclo anímico inconsciente, destinado a suprir e permear o organismo, com novas substâncias. Também a planta, pode passar sede ou estar saciada; entretanto, ela não possui a capacidade de elevar esse ‘perceber inconscientemente’ (Erfühlen)[25]<sup>11</sup> obscuro a algum tipo de percepção verdadeira e, por isso, jamais alcança o sentimento do agradável, da saciedade, nem do desagradável, da sede.

Em considerações deste tipo, imediatamente, damo-nos conta de que de fato falte à linguagem uma palavra apropriada, para caracterizar certamente essa espécie de moções da vida anímica inconsciente, enquanto tais. Em vista disto, precisamos lançar mão das circunscrições mais estrambólicas, ao quisermos tornar-nos minimamente inteligível àquilo que efetivamente temos em mente. Também é bem natural, que tais caracterizações somente possam ser encontradas, ou melhor, pudessem ser formadas, recém tardiamente, no idioma. Nomeadamente, eu já havia alertado mais acima, que o reconhecimento do inconsciente, na consciência seja, por toda a parte, o último e o mais elevado grau da ciência; tanto quanto, em relação à técnica, a mais bela arte somente possa surgir lá onde essa habilidade amiúde tornasse-se inconsciente. Justamente, portanto, recém quando as pesquisas mais refinadas e profundas assumissem para si a tarefa de aprofundar-se, via consciente, no reino da existência inconsciente, é que pudera também surgir, posteriormente, a necessidade de formação de um vocabulário deste tipo, no idioma. Em meu “Sistema da Fisiologia”, na introdução ao terceiro volume, pela primeira vez, chamara à atenção pormenorizada em relação a este aspecto e lá também sugerira (após haver mostrado como já Baco sentisse uma necessidade a tais formas de linguagem – neologismos – NT) o emprego do termo “percepção inconsciente” (Erführung) – *perceptio*[26]<sup>12</sup> – e, assim, caracterizar linguisticamente a sensação inconsciente da alma, que ainda tão-somente viva-se aí, por meio da atividade formativa orgânica. Quando, destarte, houvermos atribuído a maioria a esta caracterização, em questões fisiológicas e psicológicas, imediatamente obter-se-á um verdadeiro incremento de todas as análises. O ‘perceber inconsciente’ da alma, da vida do sistema vascular-sanguíneo ou -digestivo, portanto, é aquilo que, única- e verdadeiramente, condiciona todas as disposições de humor, cujo reflexo na vida consciente, nós anteriormente arroláramos como coragem ou pusilanimidade, sentimento de saciedade ou de inanição, etc.; pois, embora recebamos definitivamente estas sensações, por meio do sistema-nervoso, no espírito consciente, conceitualmente, não poder-se-á buscar sua causa dentro deste; e, por conseguinte, essa causa não poderá ser outra, senão aquele sentimento desprovido de consciência, registrado em relação ao estado no qual se encontrem os demais sistemas não nervosos. A sensação, o sentimento consciente, todavia, sempre somente será possível na vida do verdadeiro e único sistema puramente anímico: isto é, o da vida neuronal; porém, o sistema-nervoso não vive somente em si mesmo, pois também é o ponto-central de todos os demais, através dos quais estabelece interação com o mundo exterior; neste sentido, ele é capaz de assimilar em si os estados destes sistemas compartilhadores e, em função disso, também, de direcionar as impressões inconscientes de um sistema ao outro; e, dessarte, é o único capaz de alavancar as mesmas ao grau de sensações.

Portanto a planta, cada célula-primordial, cada uma das estruturas não-nervosas tanto do animal quanto do ser humano, tem essa ‘percepção inconsciente’; até mesmo a receptividade do nervo, porquanto ainda não se desenvolvesse à centralidade-plena da vida-neuronal; ou, quando essa novamente houvesse sido suspensa, não pode d’outro modo, senão perceber inconscientemente; destarte, não é possível, por exemplo, afirmar-se que o embrião sinta; nem tampouco, o recém-nascido, assim como o feto anencefálico, no qual o ponto-central do sistema nervoso sequer chegara a formar-se, que ambos sejam capazes de sentir; nesses casos, sobretudo, ocorre somente uma recepção e um repasse – uma percepção inconsciente – de estímulos – uma *perceptio*; mas nenhuma *sensatio*. [27]<sup>13</sup>

Concomitantemente, preciso observar que, assim como até hoje faltasse uma caracterização linguística precisa para esses sentimentos de si mesmo inconscientes, também careçamos de um termo apropriado àquilo que acima chamara de recordação sem consciência do organismo de seu passado; bem como, de previsibilidade sem consciência de seu futuro; destarte, tanto mais precisemos tentar formar um termo correspondente, para quê, posteriormente, torne-se mais fácil expor, como na existência consciente, a partir de tais capacidades, tantas outras coisas se desenvolvam; e, a partir da ausência de consciência, gradativa- e progressivamente, constitua-se como consciente. Neste ínterim, é bem interessante tomar ciência de que, a partir destes sentimentos prometeicos e epimeteicos, cuja essencialidade a todo o processo de formação de um organismo já fora discutida mais acima, também, em relação ao primeiro (o prometeico), haja vista que este jamais alcance de modo geral a plena consciência no ser humano, mas consista sempre de uma opacidade peculiar, há tempo já se encontrara uma caracterização relativamente precisa, através do termo “intuição” (Ahnung), “pressentimento” (Vorahnung) – ainda que este, mesmo assim, sempre implique certa consciência do vindouro; e, em contrapartida, em relação ao último o (epimeteico), que conhecemos mais nitidamente pela sua forma consciente (a da memória); mas que, sob sua forma desprovida de consciência, nunca antes fora considerado, e, em consequência, prescindia totalmente de qualquer designação terminológica específica. Se por isso, também aqui, tivéramos que formular neologismos próprios, então, estes deveriam assumir a forma linguística de “interiorização” (Innerung), quando tratar-se da percepção sem consciência do passado, e de “intuição” (Ahnung), quando do perceber inconsciente antecipatório sem consciência do vindouro – os quais certamente seriam mais práticos. Desta feita, observo aqui, de uma vez por todas, que, doravante, empregarei, sempre que houver ensejo, ao longo das atuais considerações, os termos, perceber inconscientemente, interiorização, intuição sob este viés, em distinção à sensação, recordação e antevisão ou previsão.

Dando seqüência à ponderação da estruturação do organismo em seus sistemas e modos de percepção inconsciente especiais, aqueles que se encontram mais próximos à análise, são o respiratório e o secretor. De certo modo ambos encontram-se contrapostos ao alimentar: o primeiro (o respiratório), tem o significado de permear o interior com éter vital fresco, para que, contínua- e constantemente, seja volatilizado, de maneira geral, mediante ar; já no segundo (o secretor) vige um derramar-se de gota à gota, do próprio interior, muitas vezes, justamente com o propósito de aniquilar algo exterior, para que, em seguida, sirva de alimento àquele que mata. Destarte também, a dimensão psíquica da percepção inconsciente apresenta-se de modo mui distinto em ambos: aquele sentimento turvo, quando força passagem à consciência, que é percebido como coragem, força-de-ação, entusiasmo, leveza de movimentos tanto parte do sistema respiratório, conquanto consista da atividade pura e livre, como também, de seu pendant oposto, o medo, o receio, a angústia, que se manifestam então, quando a respiração estiver sufocada e apertada. Sem a respiração, esse perceber inconsciente, que constitui a base dos referidos sentimentos, permaneceria completamente estranho e, quanto mais uma criatura fosse airada pela respiração tanto mais ela seria governada por este. Exemplos desse último aspecto, são-nos fornecidos por insetos e pássaros, cujo volatilidade[28]<sup>14</sup> somente seja possível, mediante sua forte capacidade respiratória e, a partir da qual nós, inclusive, denominamos a peculiaridade de vários sentimentos humanos. Por outro lado, no que concirna à secreção, os mais relevantes estão associados à morte de algo exterior, para assimilá-lo no organismo. Como estes processos em si sejam bem mais ocultos e não sujeitos ao arbítrio, por exemplo, em relação àqueles da respiração, assim também, sua percepção inconsciente permanece bem mais distante à consciência do que os anteriores; não obstante, também a partir destes, uma série de impressões sensíveis sobrevêm à consciência, assumindo lá, por conseguinte, um matiz odioso-mortífero. A expressão, um humor amargo, é tão característica a esse perceber inconsciente peculiar de um sistema hepático irritado, quanto a expressão volátil seja à esfera da respiração mais vívida. Tal consideração daquilo que possua a mesma designação nesses estados, é bem apropriada, para tornar mais nítida a constituição do consciente a partir do inconsciente, sobre a qual falar-se-á detalhadamente, mais adiante; e, nomeadamente também ensinar a compreender, cada vez mais nitidamente, seu significado em relação àquilo que comumente seja caracterizado como a influência do corpo sobre a alma e vice-versa; pois, através desta, comumente só esteja em jogo a influência de um sistema orgânico sobre outro; nomeadamente, o efeito destas percepções inconscientes obscuras sobre o



sentimento consciente e sobre a alma cognoscitiva e vice-versa. Se destarte, por exemplo, a vida do coração e dos vasos-sanguíneos e, secundariamente também, a dos pulmões, seja minorada, por hemorragia; logo, mediante isso, simultaneamente, instaura-se o viés negativo nas percepções inconscientes peculiares destes sistemas; e, haja vista que estes não possam d'outro modo, senão desencadear uma repolarização da ideia fundamental do organismo, da qual, cada um destes represente individualmente tão-somente, uma ideia parcial, que também espraie sobre a região do pensamento, do sentimento e da vontade consciente, um humor decididamente diverso: uma disposição de abatimento, pusilanimidade e debilidade, até, de desfalecimento (de perda da consciência). Em tais situações, portanto, de modo algum destaca-se algum tipo de domínio especial do corpo – enquanto algo que seja, de algum modo, autônomo face à alma – pois, tanto menos pode-se falar desta maneira quanto mais compreenda-se que o corpo é apenas a manifestação da própria alma –; e, portanto, sobretudo, trata-se de certa influência da vida-sanguínea e -respiratória sobre a -neuronal, mais cristalinamente anímica.

Por fim, a esfera da vida-sexual – da vida, em função do avanço da espécie –, fornece-nos ensejo especial a considerações deste tipo. Neste sistema, que aliás se desenvolve bem após aos demais, dever-se-á destacar, da maneira mais resoluta possível, a antítese da vida individual, à da espécie; pois, através deste, a nova criatura, como um todo, distingue-se à antiga; nele, portanto, jaz todo o prazer de uma nova vida prestes a irromper, bem como, toda a dor d'outra, em vias de perecer. Ao mesmo tempo, este sistema constitui, mais do que os demais, aos quais não se encontre contraposto de um para um, e sim, como um individual, à totalidade, à medida que, reproduzindo o todo, assuma também uma maior hermeticidade em si; e, por isso, as percepções inconscientes deste podem dominar, do modo mais singular, o organismo como um todo. No reino animal constatamos, neste sentido, que, mais frequentemente, toda a existência individual dependa somente deste sistema. Quando o animal chega ao acasalamento, em muitos casos, seu ciclo-de-vida já estará consumado. Na alma humana, justamente por isso, situa-se nesta região, a possibilidade ao mais elevado incremento do sentimento de bem-estar e prazer interior – ao qual consta no vernáculo um termo próprio – “volúpia” (Wollust) –, que, nada mais é, do que compartilhar a percepção suprema e vívida da esfera inconsciente, do sistema sexual, à esfera suprema consciente dos nervos; sim, na alma consciente, a partir daqui, é proporcionada a potencialidade de cada vez mais elevar- e espiritualizar-se, rumo a mais poderosa de todas as paixões – e, justamente, àquela que encerra a maior felicidade e a maior dor, qual seja, a do amor.

Se ora lançarmos uma mirada panorâmica sobre a multiplicidade destes fatos, como um todo, após havermos apresentado bem brevemente a história da delimitação das diversas províncias orgânicas e a das distintas percepções de uma psique inconsciente, obteremos como resultado, em relação à teoria da vida da alma, as seguintes sentenças importantes:

- a) A ação zelosa inconsciente da ideia determina uma estruturação da formação corporal em diferentes sistemas, sendo que em cada qual concretiza-se um raio (Strahl) especial da existência anímica ideal.
- b) O único sistema puramente anímico, a partir de cujas percepções inconscientes e mediante uma maior concentração, unicamente, possa desenvolver-se a consciência, é o nervoso.
- c) Em cada um dos demais sistemas orgânicos, a alma é, em si e por si, somente capaz de ter um círculo restrito de percepções desprovidas de consciência que somente possa ser compartilhado à consciência, mediante o entrelaçamento de capilaridades do sistema puramente anímico com esse e, destarte, assimile suas percepções inconscientes e as incorpore ao sistema-nervoso central.
- d) No reconhecimento da multiplicidade primordial destes sistemas e de suas percepções inconscientes especiais, por conseguinte, encontramos o primeiro ponto-de-apoio, à obtenção de uma compreensão objetivamente adequada da pluralidade interior dos diversos círculos anímicos que, originariamente, sejam inerentes a qualquer vida anímica superior. Muito antes de tomarmos consciência de um quantum de representações e de sentimentos, a alma vive-se aí sem consciência, como uma diversidade; e somente quando chegar-se à conclusão nítida posterior, da multiplicidade destes seus

círculos-vitais, é que, mediante a tomada de ciência do próprio eu, ela encontrará seu núcleo; portanto também, proporcionar-nos-á uma representação apropriada da vida anímica; em suma, também aqui, precisamos convencer-nos, amiúde, da verdade daquela sentença, com a qual abríamos todas essas considerações: “a chave ao reconhecimento da vida anímica consciente encontra-se na região da inconsciência.”

## **Carl Gustav Carus**

(\*) Carl Gustav Carus (1789-1869) foi um médico, naturalista e filósofo alemão do século XIX. Nascido em 3 de janeiro de 1789 em Leipzig, Alemanha, Carus estudou medicina na Universidade de Leipzig, onde mais tarde se tornou professor de obstetrícia e ginecologia. Além de sua prática médica, Carus teve uma influência significativa em várias áreas, incluindo pintura, filosofia, psicologia e integração do biológico e do psicológico. Na psicologia, Carus fez importantes contribuições para o estudo do inconsciente e para a compreensão da mente humana. Suas ideias sobre a relação entre corpo e mente influenciaram o desenvolvimento posterior da psicanálise e da psicologia profunda. Ele advogava por uma visão holística do ser humano, integrando aspectos biológicos e psicológicos em sua compreensão da mente e do comportamento humano. Além de seu trabalho científico, Carus era um talentoso artista e músico. Suas habilidades em pintura e música refletiam seu enfoque estético e filosófico do mundo natural. Carl Gustav Carus faleceu em 28 de julho de 1869 em Dresden, Alemanha, deixando um legado duradouro na medicina, ciência, filosofia e psicologia do século XIX.

**NOTA:** Este texto corresponde à primeira parte do Capítulo 1. Da Vida Inconsciente da Alma (páginas 20 a 55) do livro “Carus: Psique: Sobre a história do desenvolvimento da alma”, de Carl Gustav Carus. Traduzido do alemão para o português por Sidnei Vilmar Noé

CARUS, Carl Gustav. *Psyche: Zur Entwicklungsgeschichte der Seele*. Pfarzheim: Flammer e Hoffman, 1946. 385 pp. (edición alemana).

CARUS, Carl Gustav. *Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma*. Tradução Prof. Dr Sidnei Vilmar Noé. Pfarzheim: Flammer e Hoffman, 1946. 385 pp. (edición portuguesa).

*Volver a Artículos Clínicos*  
*Volver a Newsletter 26-ex-80*

## Notas al final

- 1.- Foi mantida a referência do livro de Sidnei Vilmar Noé para as citações seguintes: [15] Obs: recorrentemente o autor usa aspas sem indicar a fonte. Onde fora possível encontrar a fonte, essa será indicada em nota. De modo geral, tem-se a impressão que o autor também usa as aspas para autorreferências em outras obras (porém, às vezes, sem citar a obra) ou a expressões idiomáticas – NT.
- 2.- [16] Muito possivelmente trata-se de Georg Ernst STAHL (1659-1734) – NT.
- 3.- [17] O autor recorre a um trocadilho: erinnern (lembrar) possui em sua raiz innern (interiorizar) – NT.
- 4.- [18] Trata-se de Georg Ernst STAHL (1659-1734) – NT.
- 5.- [19] Referência a Friedrich HOFFMANN (1660-1742) – NT.
- 6.- [20] Trata-se de Gottfried Wilhelm LEIBNIZ (1646-1716) – NT.
- 7.- [21] ARISTÓTELES, Sobre a alma, 1º livro, 1º capítulo.
- 8.- [22] Ur-Bild (imagem-primordial, protoimagem): optou-se aqui pelo neologismo arque-imago, por corresponder mais essencialmente à filosofia platônica subentendida – NT
- 9.- [23] ARISTOTELES, Sobre a alma II, 1, pp. 412-27 – NT.
- 10.- [24] Esta, que é a mais primordial de todas as contraposições, o antagonismo entre ideia e substância etérea ou, simplesmente, éter, como eu a chamo, e que já fora reconhecida cabalmente pela mais ancestral dentre todas as filosofias – a hindu – e é importante lembrar disso, não enquanto uma autoridade – haja vista que o reconhecimento racional não possa submeter-se ao jugo de uma autoridade – mas, tão-somente, para mostrar, que já em épocas tão remotas, uma meditação cristalina sobre o maior enigma do universo, necessariamente, precisara levar a um resultado similar àquele que, mesmo em nossa época, por meio da reflexão mais-madura, não poder-se-ia apresentar d’outra maneira. Portanto, já entre os hindus, distinguiu-se entre (a) matéria-eterna, natura naturans, éter, prakriti ou mulaprakriti, e (b) razão natural, isto é, a ideia que determina e condiciona o éter – como buddhi, certamente também, enquanto anima mundi – purusha. Sim, já a partir de ambas, destaca-se uma terceira (c) – a diferenciação do eu, isto é, a autoconsciência (ahankara). Cf. Peter von BOHLEN, A Índia antiga, 2ª parte, p. 311 s.
- 11.- [25] Erfüllung (verbo – erfüllen), é um conceito recorrente na obra, embora em desuso na língua alemã hodierna. Seu sentido lexical é o de palpare, percipere. Exemplo: die langsam erfüllte Einheit und Urbezeichnung. Aplica-se também à ação de sentir o pulso (judicium ex tactu). Herder 19, 123. Deutsches Wörterbuch von Jacob und Wilhelm Grimm. 16 Vol. in 32 Tomos. Leipzig 1854-1961. Índice de fontes: Leipzig 1971. Versão online de 16.11.2020. Tendo em vista o nexo de sentido, optou-se por ‘perceber inconscientemente’, evidentemente, no sentido ‘presentir algo’ – NT.
- 12.- [26] Embora efetivamente o termo latino devesse ser traduzido por ‘percepção’, seu equivalente na língua alemã seria ‘Wahrnehmung’, que, todavia, suscita um campo semântico eminentemente perceptual, via sentidos, o que não é o caso de “Erfüllung”, que justamente remete àquilo que metaforicamente, no português, descrever-se-ia como um ‘sentir o pulso’; por isso, a opção por essa circunscrição ‘tatear-sensível’ – NT
- 13.- [27] O texto original emprega o termo senhatio. Possivelmente trata-se de um erro ortográfico, pois a grafia latina correta deveria ser sensatio (sensação). Os conceitos erfüllen, empfinden estão justapostos respectivamente à ‘percepção inconsciente’ (perceptio) e à sensação (sensatio) – NT
- 14.- [28] Flatterhaftigkeit: qualidade de batimento das asas, de dar asas à, de voejar; por extensão, volatilidade, inconstância – NT